



DOSSIÊ TEMÁTICO

A ÁFRICA SUBSAARIANA NO SISTEMA MIGRATÓRIO MUNDIAL

Entrevista



Migrantes qualificados da África subsaariana: entre permanências e mutações. Entrevista do Professor Kévin Mary

Por Kévin Mary & Frédéric Monié

Kévin Mary,
Professor de Geografia
Université de Perpignan Via Domitia, França
Contato: kevin.mary@univ-perp.fr

Frédéric Monié
Professor do Programa de Pós-Graduação
em Geografia (PPGG), Universidade
Federal do Rio de Janeiro (UFRJ);
Coordenador do GeoÁfrica; Editor do
Boletim GeoÁfrica
<http://lattes.cnpq.br/7949111377775985>
orcid.org/0000-0002-8738-3301
Contato: fredericmonie@igeo.ufrj.br

Biografia: Kévin Mary defendeu sua tese de doutorado em Geografia na Universidade de Caen (França) em 2014. A pesquisa versa sobre *As elites malinenses em busca de América: migrações estudantis internacionais e desafios de uma reprodução social inacabada (Les élites maliennes en quête d'Amérique: Migrations internationales pour études et enjeux d'une reproduction sociale inachevée)*. Kévin Mary é atualmente professor na Universidade de Perpignan Via Domitia (França) onde ele desenvolve pesquisas que integram Geografia das migrações e da educação. Ele estuda mais especificamente o ensino superior e as migrações estudantis nos países dito do Sul, em particular na África ocidental francófona e no Líbano (Oriente Médio)

Como citar:
MARY, K; MONIÉ, F. Migrantes qualificados da África subsaariana: entre permanências e mutações. Entrevista do Professor Kévin Mary. *Boletim GeoÁfrica*, v. 3, n. 10, p. 10-14, abr.-jun., 2024





Entretien avec Kévin Mary¹

Boletim GeoÁfrica. *Você poderia apresentar as linhas gerais do seu itinerário de pesquisa? Por que escolheu estudar as migrações de africanos profissionalmente qualificados em particular?*

A minha tese de doutorado foi desenvolvida em dois laboratórios de pesquisa, um especializado em geografia social e outro na área das migrações internacionais. No meu doutoramento quis estudar espaços migratórios menos frequentados pelos africanos francófonos, mas que estavam em ascensão, em particular os Estados Unidos e o Canadá. Um campo de investigação inicial no Mali mostrou-me que esta emigração era bastante “elitista” porque muitos jovens foram estudar em universidades americanas ou canadenses. Foi assim que minha investigação teve por objeto específico a migração estudantil e que realizei uma pesquisa multi situada entre o Mali, os Estados Unidos e o Canadá. Investigar estas migrações estudantis significou também investigar a elite malinense através dos filhos de famílias da elite política e económica do país o que levantou a questão da reprodução social no Mali através de estudos no estrangeiro em universidades americanas e canadenses. Hoje estou interessado em novos centros de formação na África Ocidental (Senegal, Mali) e no Médio Oriente (Líbano). Estou trabalhando sobre a criação de novos territórios educativos denominados *Educational Hubs*, que reconfiguram os fluxos de estudantes africanos no próprio continente. Em Dakar, com uma equipa de investigadores, analisamos as consequências da criação de um campus franco-senegalês e de uma “cidade do conhecimento” que atraiu vários campi *offshore* franceses para o Senegal. Estudamos como esta nova oferta de ensino superior na África impacta os fluxos estudantis para fora do continente.

Boletim GeoÁfrica. *Quais são as principais características do fenómeno de “fuga de cérebros” da África Subsaariana? Estaremos na presença de migrantes predominantemente jovens e do sexo masculino? Podemos distinguir polos (metropolitanos, regionais) ou países que se distinguem pela importância dos fluxos de saída?*

A “fuga de cérebros” é um conceito que caiu em desuso porque o contexto em que foi criado (da independência africana na década de 1960 até a década de 1980) evoluiu significativamente. Durante cerca de vinte anos, as migrações de estudantes foram vistas como nefastas para o

¹ L’entretien a été réalisé par courriel. Les réponses ont été reçues le 06 juin 2024



desenvolvimento de novos Estados africanos. Por exemplo, para pensadores latino-americanos da teoria da dependência, esses estudantes eram apreendidos como atores do agravamento das desigualdades globais e na divisão internacional do trabalho científico. A partir da década de 1980 e sobretudo de 1990, o paradigma do transnacionalismo tornou-se dominante. Ele confere uma nova importância à mobilidade. Os migrantes africanos qualificados são doravante vistos como um recurso para o desenvolvimento do seu país de origem, através das remessas financeiras, de suas ações associativas, mas também através de programas específicos de mobilidade, que oferecem aos universitários instalados fora do continente a possibilidade de contribuir para a formação dos seus homólogos nos países de origem e o desenvolvimento da cooperação científica internacional. No contexto atual, a migração qualificada africana enfrenta mais obstáculos: desde a década de 1990 as crises económicas restringiram a mobilidade no mundo todo. Trabalhos recentes sobre migrantes qualificados africanos detalham, em particular, as políticas de filtragem para estudantes candidatos à mobilidade internacional (políticas de vistos etc.). Esta seleção cada vez rigorosa gera, obviamente, uma maior segregação social de candidatos africanos aos estudos internacionais. Hoje falamos, portanto, menos de “fuga de cérebros” do que de obstáculos às migrações.

Os estudantes internacionais africanos não correspondem ao arquétipo do migrante masculino que vem sozinho antes, possivelmente, de trazer a sua família. A proporção homem-mulher é muito mais equilibrada, embora não tenhamos números exatos.

A geografia dos centros de partida destes migrantes qualificados reflete a geografia das redes urbanas africanas. Os grandes centros urbanos, que são frequentemente as capitais destes países, são os maiores polos emissores de fluxos. É aqui que se situam os centros de excelência do ensino secundário (muitas vezes escolas privadas e colégios) que formam futuros migrantes qualificados. A Nigéria, pela sua demografia, é um dos principais centros de emigração na África Subsaariana. As cidades de Dakar e Abidjan são também polos importantes na África francófona, devido à sua dimensão e ao seu nível de desenvolvimento mais elevado do que as capitais de outros países de língua francesa na África Ocidental.

Boletim GeoÁfrica. Que países (ou regiões, no caso dos Estados Unidos) recebem os fluxos mais significativos de migrantes africanos qualificados? Os fluxos intra-africanos são significativos? Estes fluxos migratórios diferem geograficamente dos fluxos de trabalhadores não qualificados (país de partida, destino)?

Os principais países e regiões que polarizam fluxos de migrantes africanos são os Estados Unidos (especialmente as grandes cidades do Nordeste, de Nova Iorque a Washington DC), a Europa Ocidental, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia. Mas surgiram recentemente novos espaços migratórios em países emergentes como a Turquia, os países do Magrebe, os Emirados Árabes Unidos, mas também Singapura e Malásia.

Na África, os países mais desenvolvidos atraem logicamente os fluxos intra-africanos mais significativos. São eles a África do Sul, o Quênia e o Senegal. Estes fluxos internos ao continente africano tendem a aumentar devido, em particular, às políticas migratórias, que limitam também



a mobilidade dos migrantes mais qualificados. Fatores económicos endógenos à África também contribuem. A África do Sul é atrativa por ser a maior economia do subcontinente. A emergência de certos países como o Quênia, que evoluiu notavelmente no campo da economia digital, contribuiu para este aumento dos fluxos. Finalmente, países como o Senegal beneficiam da sua estabilidade política na África francófona.

Os fluxos geográficos de migrantes qualificados seguem em grande parte os de outros migrantes que procuram principalmente oportunidades de emprego que tendem a encontrar nas grandes cidades. Mas o perfil dos migrantes qualificados é sem dúvida mais urbano, porque é principalmente nas cidades que encontramos os empregos mais qualificados e mais bem remunerados.

Boletim GeoÁfrica. As formas de integração dos migrantes africanos qualificados nas sociedades de acolhimento diferem das dos trabalhadores não qualificados? Esta integração favorece a diáspora (nacional ou continental) já estabelecida ou, pelo contrário, ambientes do mesmo nível social?

As migrações de estudantes africanos são tradicionalmente apreendidas como migrações de elite. Embora essa representação continue sendo parcialmente verdade, é evidente que os perfis dos estudantes são variados e que alguns deles provêm por vezes de famílias pobres. As políticas de filtragem dos fluxos migratórios estenderam-se, por exemplo na Europa, a todas as categorias de migrantes, incluindo os mais qualificados. Isto faz parte de uma experiência comum da migração, que enfrenta dificuldades crescentes para a obtenção de documentos para trabalhar ou estudar. Uma vez instalados precisa-se solicitar autorizações de residência para estudos ou trabalho. Podemos também acrescentar o fenómeno da discriminação contra pessoas negras, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países emergentes. Contudo, os estudantes africanos e os migrantes qualificados têm maiores recursos económicos e sociais do que o resto dos migrantes. Podem, portanto, contar com redes familiares e de amigos que são muitas vezes mais eficazes na procura de habitação, trabalho etc.

Além disso, as diferenças de classe social específicas ao país de origem são observáveis na migração. No meu trabalho sobre os filhos das elites do Mali que estudam nos Estados Unidos e no Canadá, consegui mostrar que entre as elites a trajetória migratória voltada para estudos universitários é mais prestigiada do que a emigração para trabalho. Não é a mesma coisa ir para a América para estudar do que encontrar algo para sustentar sua família. A experiência no local será muito diferente. Mesmo que surjam formas de solidariedade através da nacionalidade ou da língua, barreiras ligadas a condições de vida muito diferentes surgem naturalmente entre migrantes qualificados e outros, que na África francófona são frequentemente apelidos de “aventureiros”.



Algumas publicações de Kévin Mary sobre a temática...

Mary, K. (2022). « *Black Immigrants Matter* ». Développement des migrations africaines aux États-Unis et ancrages urbains à New York. *L'Information géographique*, 86, 41-59. <https://doi.org/10.3917/lig.861.0041>

Mary, K. (2020). Le (double) passeport des élites africaines. Être et rester cosmopolite au Mali grâce à l'acquisition d'une seconde citoyenneté. *Politique africaine*, 159, 125-144. <https://doi.org/10.3917/polaf.159.0125>

Mary, K. (2020). (Re)penser les liens entre catégories sociales et migrations pour études au Sud: Réflexions méthodologiques sur les attributs sociaux des élites maliennes. *Migrations Société*, 180, 65-81. <https://doi.org/10.3917/migra.180.0065>

Jamid, H., Kabbanji, L., Levatino, A. & Mary, K. (2020). Les migrations pour études au prisme des mobilités sociales. *Migrations Société*, 180, 19-35. <https://doi.org/10.3917/migra.180.0019>

Mary, K. (2017). « Les liens forts. Réseaux familiaux et migrations pour études dans les familles d'élites maliennes », *Espace populations sociétés* [En ligne], DOI : <https://doi.org/10.4000/eps.7156>

Mary, K. (2010). Entre la “forteresse Europe” et l'Amérique d'Obama: Le choix des États-Unis pour les ressortissants maliens. *Hommes & Migrations*, 1286-1287, 124-133. <https://doi.org/10.4000/hommesmigrations.1734>